



No caminho do avião...

Notas de reportagem aérea

(1922-1933)



Luís da Câmara Cascudo

Jean Mermoz

N.R.: Como os originais do presente trabalho de Luís da Câmara Cascudo encontram-se, em alguns trechos, em mau estado, a respeito do grande aviador francês Jean Mermoz, apenas encontramos o seguinte registro:

Piloto de raça, frio, calmo, magnético, com a tenacidade calculada e a força física de um velho "reitre" medieval, técnico incapaz de um desânimo, de perder aquela tranqüila segurança que o tornou famoso entre os companheiros de vôo, Mermoz se vincula às figuras patronais de sua História pelo destemor natural, a coragem repousada e espontânea que fez dele uma das mais expressivas fisionomias entre os ases do mundo. Possui, como nenhum aviador em sua idade, uma crônica maravilhosa onde os feitos de valentia pessoal empatam com as provas de conhecimento técnico.

Seus vôos sobre o Atlântico valem tanto quanto os de Lindbergh. O que falta a Mermoz, como sobra a Lindy, é uma imprensa mobilizada em proclamá-lo o primeiro ás do mundo. Mermoz pode figurar na mesma linha. Nem maior nem menor.⁹

Générale Aéropostale). Em 8 de agosto, após o almoço na Escola de Aviação Naval, no Galeão, resolveram voar em outro avião, também um Savoia- Marchetti, porém do modelo S-62. Com poucos minutos de vôo, a 40 metros de altura, houve uma ruptura da asa direita, precipitando-se o avião contra o mar. Del Prete faleceu a 16 de agosto, vítima de infecção generalizada, com parada cardíaca. A população do Rio de Janeiro tributou-lhe grandes homenagens. O cortejo foi seguido, a pé, pela multidão, desde a Embaixada da Itália, em Botafogo, até o Cais do Porto, onde o caixão foi embarcado no navio Lucca. Ferrarin, vítima também do acidente aeronáutico, faleceu 13 anos depois. (N.R.)

⁹ A primeira vez que Jean Mermoz chegou a Natal foi a 13 de maio de 1930, quando ele pousou com o Laté-28, matrícula F-AJNQ, no rio Potengi, precisamente às 7 horas e 20 minutos, cumprindo assim a primeira travessia aérea comercial sobre o Atlântico Sul, com o transporte de 130 kg de correspondência. Seus companheiros nesse reide foram Jean Dabry (navegador) e Léopold Gimié (radiotelegrafista). O Laté-28 era um monomotor, asa alta, com flutuadores, equipado com motor Hispano-Suiza de 600 HP, com capacidade para 2.400 litros de combustível. Mermoz desapareceu em 7 de dezembro de 1936, na sua 25ª. travessia do Atlântico sul, quando voando pela Air France (sucudânea da Aéropostale), era o piloto do hidroavião quadrimotor

(pouso em terra), para as longas travessias, sobre o pesado hidroavião que supúnhamos indispensável para os cruzeiros desta espécie.¹³

A Latécoère

O estabelecimento da Latécoère (hoje C.G.A.) em Natal divulgou o avião. Humanizou-se a figura do aviador. Habitou os ouvidos ao ronco rítmico dos motores. Já não é possível assombrar-se um natalense ante um avião.

Viu o Graf. Zeppelin, o Do X com doze motores. Mas o que está perto de sua simpatia são os pequenos Laté, os Breguet, os Commodores, os Dornier-Wal que semanalmente trazem cartas e levam passageiros.

A companhia francesa foi a velocidade inicial. Aquela multidão viva, sã, álcacre, cheia de rumor e de vida, armando aviões e riscando no ar os caminhos sem rastro para trajetórias longínquas a Buenos Aires, a Assunção, ao Chile, pulando o Atlântico e os Andes com a despreocupação de um fato natural, despiram do aviador a sua carapaça divina e tornaram-no apenas e gloriosamente um "homem que vence a natureza".

É natural que mencione aqui os nomes que se popularizaram depressa. Piron, que morreu com Siqueira Campos. Deley, o grande piloto Depecker, Pivot, Vachet, dez outros.

¹³ Em 1931, Mollison conquistou um recorde mundial voando da Austrália à Inglaterra. No ano seguinte, obteve outra marca expressiva: da Inglaterra à cidade do Cabo, em 4 dias, 17 horas e 30 minutos, voando cerca de 10.500 quilômetros. Ainda em 1932, uma outra odisséia: Irlanda à Nova Brunswick, Estados Unidos, em 30 horas e 30 minutos, através de 4.400 quilômetros. A 15 de fevereiro de 1933, foi homenageado com um coquetel no Palace Hotel, Rio de Janeiro, sendo saudado na ocasião pelo Major Antônio Guedes Muniz, da Viação Militar do Brasil. A esposa de Mollison, também aviadora, Amy Johnson, faleceu em acidente aeronáutico sobre o rio Tâmis, em Londres, em 1941. Tivera antes outro grave acidente, em Paris, na data de 20 de outubro de 1936. (N.R.)